



ARU ANDA

Lugar onde moram os orixás cantados até hoje nas rodas



MÃE DARABI

MÃE DARABI

DOS PALCOS DA VIDA PARA O PALCO ANCESTRAL

Dr.^a Luzi Borges

Kolabá de Xangô, professora adjunta da UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz- Ilhéus – BA e protagonista do filme “O Abebé Ancestral”

A primeira vez que fui no Terreiro de Mãe Darabi, fui na companhia da minha mãe genética, minhas duas filhas e uma colega da UESC que é irmã de santo de Mãe Darabi, Maria Aparecida Aguiar. Era agosto de 2012, fazia um ano que tinha me mudado para Ilhéus, por conta do concurso para docente na UESC.

Mãe Darabi é uma mulher que quando você a vê pela primeira vez, você se en-

canta. Cabeça de Oxóssi, também traz no seu arquétipo ancestral a presença da deusa Oxum. Seu olhar é do grande caçador, seu sorriso é das águas tranquilas que acalma, acolhe e acalanta. Primeiro, ela nos recebeu no barracão do terreiro, contou sua história e a do terreiro e depois nos deixou à vontade para circular pela roça. O terreiro é literalmente uma roça, são 4 mil metros quadrado com uma fonte linda e mata fechada que aos poucos vamos desbravando com todo respeito e reverência ao sagrado que nos acolheu. Circulamos pela roça, colhemos cacau, cupuaçu e jambo. Saímos de lá com a sacola cheia de amor, de afeto e cuidado em forma de frutas. Minha mãe genética, filha de Ogum com Iansã, como toda mãe ciumenta, quando saímos da roça, ela disse: *“Gostei de Mãe Darabi, essa é a primeira vez que vou no terreiro, é a primeira vez que vou num terreiro de mãos vazias e voltamos cheias de comida. Sim, mãe Darabi é uma pessoa que poderá cuidar de vocês aqui no sul da Bahia”*. Benção de mãe é tudo, não é? E desde esse dia nunca mais saímos de lá.

Alba Cristina Soares, no mundo civil, e Mãe Darabi, entre o povo do axé, é mulher, negra, capoeirista, formada em Educação Física, mas na vida preferiu ser artista e, além de ser atriz, é uma brilhante poeta e mãe solo de Iajima, filha única que foi criada com seus únicos esforços e suas lutas. Para criar sua filha, Mãe Darabi usou de muita ginga, força e criatividade. Foi formadora, durante anos, dos programas de formação de alfabetizadores da UESC. Além disso, fazia salada de frutas para vender em casa. No Terreiro, não falta comida, depois que você come, bebe água e toma um banho na cachoeira de Mãe Oxum, Mãe Darabi te chama para conversar, quer saber como você está e quais as aflições amofinam sua vida. Quando cheguei em Ilhéus com as minhas filhas ainda crianças (uma com sete anos e outra com nove anos e meio), no primeiro ano na cidade, as meninas pediram para alisar os cabelos, não aguentaram a opressão do racismo estrutural vivenciado pelas brincadeira e piadas das/os colegas da escola. Mãe Da-

rabi, com seus longos dreads que cultivava há mais de 30 anos, simplesmente olhou para mim e disse: *“Se preocupa não, elas vão, mas elas voltam”*. E ,a partir daquele dia, como uma semente de girassol, toda vez que a gente encontrava com ela, ela sabiamente dizia para minhas filhas *“que meninas lindas, quando estiverem com seus cabelos naturais, ao vento, black armado, ficarão mais lindas ainda, rainhas do ébano”*. Seis meses depois, as duas começaram a transição capilar e hoje sustentam a sua ancestralidade com suas tranças ou com cabelos naturais e são influenciadoras de outras meninas e mulheres.

Quem conhece Mãe Darabi sabe do poder que ela tem em fazer a gente brilhar, ela junta nossos cacos e nossos desafios cotidianos e nos faz fortes, resistentes e felizes. Você chega no terreiro de cabeça baixa, descreditado/a e, em poucos minutos, a ouve: *“Conserta essa coluna, ergue esse pescoço! Esqueceram de onde vieram? Povo oxum não anda assim!”* E vai buscando nossos fagu-

lhos da força ancestral no orixá que cada um/a carrega para ressignificar a nossa existência.

Ouvi Mãe Darabi declamando o poema, *“Sou negra, como é bom ser negra, e com toda essa beleza, o meu tipo não é o europeu. Eu venho da África meu irmão/ã [...]”* é, bálsamos de resistência, a cultura sempre foi o seu lugar de fala e de ressignificação ancestral. É um dos poemas mais lindos que conta a sua história como mulher negra grapiúna, mas também a história de muitas mulheres negras que, como ela, sonham/ram em viver do palco e a da arte. Sempre que declama, ela fala da sua infância sofrida, sem comida e sem condições materiais para investir na carreira, mas também memoriza a alegria de quem fez das margens do rio Cachoeira, em Itabuna, sua primeira escola teatral, enquanto ajudava a sua mãe a lavar roupas de ganho. Imitando sua mãe e suas tias, na companhia das suas irmãs, ela foi aprendendo a arte de declamar poesias, fazer personagens o que a levou para os pal-

cos, para as novelas e para o cinema. “[...] *Sou negra sem os 68 cm de cintura, sou negra do nariz largo, dos lábios grossos e atento a tudo. Dos meus seios já não saem mais leite para os seus filhos, mas para os filhos que eu quiser [...]*”.

E sempre que a vida era mais generosa, ela ia para o Pelourinho, em Salvador – BA, viver a atriz e poeta que sempre quis ser. Com várias participações em documentários, filmes e saraus no sul da Bahia, em Salvador e pelo mundo, seu trabalho mais recente como atriz foi uma participação especial em uma novela da emissora de televisão Globo, *Velho Chico*, na qual protagonizou uma freira, professora em um convento. Uma yalorixá de feira, foi cômico, tanto ela, como nós rimos muito e recordamos de todas as atrocidades que a Igreja Católica fez/faz ao nosso povo.

Durante o doutorado e com as minhas filhas na adolescência, Mãe Darabi tem sido a voz que me acalanta e que aponta cami-

nhos. Não só para mim, mas também para muitos/as jovens, principalmente universitários que a procuram para reconstruir a sua/nossa *ori (cabeça)*. O terreiro tem um número significativo de jovens universitários oriundos das classes populares que buscam no ensino superior uma saída para furar a bolha do racismo estrutural. Muitos destes chegam no Terreiro rechaçados e exterminados pelo racismo acadêmico, e Mãe Darabi vai mostrando como ela superou e supera até hoje esse câncer social. Com banho de folha, incenso, música, dança e seu ofó (fala), ela vai lembrando que o chicote e a tirania dos novos colonizadores estão em ação, mas quem tem orixá não está só. Mãe Darabi é esse abebé (espelho) ancestral, a gente olha para ela e para sua história e percebe que temos muito que caminhar, que lutar, mas também que sorrir, cantar e dançar.

Uma orí adoecida é a nova estratégia do racismo estrutural para nos manter fora do jogo na disputa de poder. Confesso que só

não enlouqueci no doutorado, porque mãe Darabi segurou minha *ori*. Todas as vezes que os conflitos se fizeram presentes, ela me lembrava: “*sua cabeça é de xangô, pai da sabedoria, senta e escreva, deixe as distrações de lado*”. Olha que as distrações do racismo acadêmico são perversas, não era fácil ouvi-la, mas eu a ouvi e terminei o doutorado com a certeza de que mais sofreram meus ancestrais e venceram e nós também venceremos sempre.

Mãe Darabi é muito inteligente, fico admirada como ela consegue transitar elegantemente entre os mundos: ocidentalizado e do axé. Ela tem mais carimbo internacional no passaporte que muitas pessoas da classe média. A convite dos seus filhos de santos, ela ministrou Workshop de turbantes, Workshop de culinária africana, Oficina de Arte e cultura, fez rodas conversas, rodas de samba, rodas de capoeira e performance poética na Suécia, na Alemanha, no Chile, na Argentina e em Portugal. Segundo ela, tudo isso só foi possível porque pai Oxóssi

permitiu: *“pai Oxóssi me disse que, quando eu aceitasse a minha ancestralidade, eu entraria em lugares nunca sonhados ou desejados, e entraria como rainha e não como vassala, cá estou.”* Me respondeu, em uma de nossas conversas.

Sua participação mais atual foi no documentário "O Abebé Ancestral" que aborda a história de Megigã, sacerdotisa africana que sofreu diáspora no século XIX e foi escravizada no Engenho de Santana (Ilhéu-BA), do qual escapou, resistindo e se tornando símbolo de empoderamento ao gestar uma dimensão Ijexá no Sul da Bahia. Além de contar a sua história e a do povo Ijexá nesse documentário, Mãe Darabi também foi co-diretora. Vale registrar que Megigã é nossa tetravó ancestral, e nossa grande referência de luta e resistência, é por ela que hoje estou aqui escrevendo esse texto. Para nós do Ijexá, mãe Darabi é nossa semente mais próxima do que foi Megigã e seguiremos cultivando essa semente para que ela possa florir em cada um/a de nós. O documentá-

rio já foi premiado em mais de seis festivais.

Também participou do projeto "Brazil, the untold story", no episódio Candomblé, no qual ela conta a sua história dentro da religião e no mundo artístico. Filme dirigido e produzido por Everton Barreiro, com a participação de alguns filhos da casa.

Também é codiretora e atriz da série "Pelos caminhos dos orixás", com 16 episódios, produzida pela Floresta Filmes, dirigido por Betse de Paula, e que será exibida no próximo ano.

Olhamos para mãe Darabi e nos inspiramos, olhamos para ela e para tudo que ela representa e acreditamos na força das mulheres negras que cotidianamente lutam por justiça social para o povo preto. Luta pelo direito de existir, porque resistir é doloroso demais. Seja cantando no terreiro, recitando poesia nos palcos ou dançando nas rodas de samba, mãe Darabi nos presenteia com a força cultural ancestral, presente dos

nossos ancestrais desde que aqui chegaram.

E como a maioria das mulheres negras, é dona de um sorriso contagiante, um olhar rasgado e crítico. Ela sempre pergunta as seus filhos e filhas qual é o melhor caminho a seguir. Ela tem a tranquilidade do seu tempo, vive nos dizendo que sozinha/o não chegaremos muito longe, mas se nos unirmos atravessaremos as barreiras do cotidiano. Como teve uma infância sofrida e de muita privação, ela não se nega a colaborar para que todos/as em sua volta tenham o mínimo de dignidade: comida na mesa é o principal direito por que ela luta. Durante a pandemia do COVID19, ela incentivou os filhos e filhas da casa a desenvolverem várias campanhas solidárias de doações de cesta básica. Como a maioria dos seus filhos e filhas de santo estão espalhados pelo mundo, muitos fizeram suas doações onde estavam e outros depositavam dinheiro na conta da AMATA – Associação Mantenedora do Terreiro Ilé Axé Omopondá Odé Aladé Ixejá, na qual ela é Yalorixá. Fizemos

doações de quentinha de feijoada nas terças-feiras de Ogum, caruru nos domingos, sopas e mingaus nas sextas-feiras de Oxalá, cestas de frutas nas quintas-feiras de Oxóssi e todas acompanhadas com um kit de limpeza (álcool, máscara e detergente). Sempre com a recomendação de levarmos um litro de água para as pessoas que estão em situação de vulnerabilidade e que mantivéssemos os cuidados para não contrairmos o vírus. Essas campanhas movimentavam o grupo no WhatsApp, com depoimentos e fotografias. E Mãe Darabi sempre comentava: *“Quem doa tempo e comida, doa amor e recebe amor”*.

Poderia ficar aqui com vários relatos do quanto mãe Darabi me inspira, o quanto ela me mostra que somos fortes, que somos felizes, apesar de tudo e de todos. Listaria as várias vezes em que achei que minhas feridas emocionais e espirituais não seriam cicatrizadas ou amenizadas: como a morte prematura (para mim) da mãe genética, que partiu para o *orun* aos 60 anos, num infarto

fulminante de menos de 5 minutos, há um ano e meio. E ela me juntava e me mostrava o sol, o brilho que escondo entre lágrimas, rejuntas e cacos. Ela tem a capacidade de uma ostra, produz pérola entre dores e feridas, entre suor e lágrima. E com ela e por ela que sigo bailando na vida como as ondas do mar que vão e vêm, observando a força das minhas ancestrais; em Oxum a sabedoria das águas doces que sempre seguem em frente e fazem fissura onde não há caminho. Sigo caminhando, fazendo meu caminho e, como mãe Darabi, lutando contra o racismo estrutural.

IMAGENS

Acervo da autora